



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

**ZOOLOGIA DO IMAGINÁRIO: INSERÇÃO DE HISTÓRIA
INFANTIL PARA O ENSINO DE MAMÍFEROS E
ANFÍBIOS.**

LUANA MARIA OLIVEIRA

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. ELIZABETH MARIA MAMEDE DA COSTA

COORIENTADORA: PROF.^a. M^a. AMANDA MARINA ANDRADE MEDEIROS

Planaltina – DF

Dezembro 2013



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

**ZOOLOGIA DO IMAGINÁRIO: INSERÇÃO DE HISTÓRIA
INFANTIL PARA O ENSINO DE MAMÍFEROS E
ANFÍBIOS.**

LUANA MARIA OLIVEIRA

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. ELIZABETH MARIA MAMEDE DA COSTA

COORIENTADORA: PROF.^a.M^a. AMANDA MARINA ANDRADE MEDEIROS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção de título de Licenciado do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais, da Faculdade UnB Planaltina, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Elizabeth Maria Mamede da Costa e Prof^a. M^a. Amanda Marina Andrade Medeiros.

**Planaltina - DF
Dezembro 2013**

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por ter me dado a oportunidade de viver neste mundo, onde a natureza me inspira a cada dia, não somente a escrever, mas dedicar-me a fazer o melhor pela profissão que escolhi.

Agradeço aos meus familiares por todo o apoio e compreensão pelas ausências nas reuniões familiares. Especialmente meus tios André e Erinalda, meu anjo da guarda Hélio, minha mãe e irmãos, pois não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Agradeço ao programa prodocência, por ter me dado a oportunidade de compreender o meu dever como professora, especialmente as professoras Alice Melo Ribeiro e Anete Maria, por desenharem como artistas o caminho que eu devia trilhar neste projeto maravilhoso.

Agradeço aos amigos de toda a vida, Karla Poleana, Ruth Oliveira, Alan Araújo, Adriele Duarte, Leda, Laura, Fábio Araújo, por terem que me impulsionaram a continuar quando eu queria desistir.

A todo o meu grupo MEJ, por terem compreendido minhas ausências durante estes cinco anos, em especial para Lorryne Fernanda (*in memoriam*), pois prometi que esta vitória também seria tua, e é.

Aos amigos que conquistei durante a graduação e sei que levarei para toda a vida, Samara dos Anjos, Antônia Adriana, Andrezza Romênia, Júlia Viegas, Diego Michel, Bruno Felinto, Grazielle Rocha, Jhenifer Ricarda, Adriana Machado, Alzineide, Mayara Albergaria, Nahara, Lays Martins, Gabriela Dutra, Luccas Andrade, Aline Sampaio, Anderson Diego, Reneida Mendes, Fernada Emicaele, Daylane Rosa e todos que estiveram presentes em minha vida acadêmica.

Agradeça aos meus queridos professores da FUP, por terem me proporcionado grandes momentos de conhecimento, por terem me ensinado e me formado como profissional e pessoa: Delano, Danilo Furtado, Maria de Lourdes, Louise, Franco, Parize, Castilho, Antônio, Renata, Juliana Caixeta, Viviane, Marcela. Em especial a duas professora do meu ensino fundamental que me mostraram o prazer pelo estudo e pela ciência Juliana Viegas e Marta Margaret.

As minhas orientadoras Bethinha Costa e Amanda Medeiros, pelas seguras e sábias orientações recebidas, pela surpreendente forma de compartilhar o conhecimento e principalmente pela confiança depositada em mim.

E ao meu amor Dilmar Barreto por ter me dado, força, coragem e incentivo sempre.

Em fim agradeço a todos por acreditarem no meu potencial, nas minhas idéias, nos meus devaneios, principalmente quando nem eu mais acreditava.

Conteúdo

1. INTRODUÇÃO	5
2. REFERENCIAL TEÓRICO	6
2.1 Ludicidade: Como Utilizar a Imaginação e a Fantasia no Processo de Ensino	7
Aprendizagem	7
2.2. Utilização de História na Educação Básica	8
3. METODOLOGIA	9
3.1 Instrumentos	10
3.2 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	10
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	12
4.1. Avaliação da percepção dos alunos e das professoras com relação ao recurso e metodologia utilizada	12
4.2 Construções de conceitos pelos alunos	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24

ZOOLOGIA DO IMAGINÁRIO: INSERÇÃO DE HISTÓRIA INFANTIL PARA O ENSINO DE MAMÍFEROS E ANFÍBIOS.

Luana Maria Oliveira¹

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo elaborar uma história como recurso lúdico para introduzir o conteúdo de mamíferos e anfíbios nas aulas de ciências. Visto que a metodologia dos professores ainda está pautada no livro didático e no quadro em sala de aula. A proposta de utilizar a história para o ensino dos mamíferos e anfíbios teve o intuito de avaliar se a temática foi compreendida e facilitada pela inserção da “história de Calíandra”. Nesse contexto, também buscou-se averiguar se o recurso didático utilizado propiciou um momento de interação social entre o educador e os discentes, promovendo a participação ativa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Por ter uma função muito importante na constituição do sujeito, as práticas pedagógicas devem buscar potencializar os processos de desenvolvimento ainda não consolidados, favorecendo novas conquistas psicológicas. A história foi contada para quatro turmas do Ensino Fundamental, de uma escola pública da região de Planaltina Distrito Federal. Após a análise dos resultados foi possível inferir que a utilização de histórias nas aulas além de propiciar o aprendizado dos conteúdos de zoologia, contribui para o desenvolvimento da criatividade e favorece ricos momentos de interação entre os estudantes e entre os conteúdos científicos.

Palavras-chave: Ensino de zoologia. Contação de histórias. Mediação. Ensino-aprendizagem. Desenvolvimento.

1. INTRODUÇÃO

A zoologia é o ramo da biologia que estuda os múltiplos aspectos do reino animal, mas como é ministrado o conteúdo de zoologia em sala de aula atualmente?

O ensino de zoologia, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), é realizado no terceiro ciclo do Ensino Fundamental, na matéria de Ciências Naturais, para alunos do 7º ano/6ª série, no eixo vida e ambiente.

Hoje “o ensino de zoologia e de biologia de modo geral, ainda é fragmentado e descontextualizado” (PEREIRA, 2012, p. 8). Tanto os professores quanto os livros didáticos trazem conceitos confusos sobre o tema. Atualmente os livros didáticos com ênfase em zoologia apresentam informações confusas a respeito da nocividade e utilidade dos animais. Muitos educadores, baseiam-se nesses livros e acabam transmitindo informações confusas e distorcidas para os educandos, resultando assim em pensamentos equivocados e errôneos acerca de alguns animais. (SILVA *et al.*, 2007, p.71)

Outras adversidades encontradas no âmbito do Ensino de Zoologia referem-se à passividade dos alunos nos processos de ensino-aprendizagem, estes não interagem com os conteúdos e com os métodos e acabam tornando-se passivos e acríticos. Nesse sentido, Santos e Terán (2009, p. 2) abordam outros problemas:

O uso exclusivo do livro didático; a falta de recursos didáticos alternativos; a exposição oral como único recurso metodológico; o tempo reduzido para o planejamento e execução de atividades acadêmicas em sala de aula, laboratórios e espaços não-formais; e a formação inicial do professor deficiente em relação à realidade de ensino.

Tendo em vista que o ensino de zoologia é ministrado no terceiro ciclo do ensino fundamental, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p.53) trazem que :

Para o terceiro ciclo, são especialmente interessantes atividades que envolvam participação oral, como debates, dramatizações, entrevistas e exposições espontâneas ou preparadas, atividades em grupo voltadas para a experimentação, observação e reflexão. Entre estas atividades, aquelas de natureza lúdica, gestual e coletiva, ao lado das de desenho, cumprem também a função de minimizar a ruptura até mesmo afetiva do regime de professor de turma.

Dentre as atividades propostas pelos PCNs, acredita-se que as lúdicas que envolvam participação oral tanto das crianças quanto dos educadores promovem a interação entre os mesmos, favorecendo a construção do conhecimento.

A atividade lúdica é tida como aquela que faz com que o aluno experimente a plenitude (LUCKESI, 2002), ou seja, quando o educando está envolvido em uma atividade lúdica o mesmo tende a continuar a fazer esta atividade, pois está vivenciando uma experiência plena que lhe oferece alegria e prazer em fazer. Vigotski (2010, p. 139) destaca que “se fazemos algumas coisas com alegria as reações emocionais de alegria não significam nada senão que vamos continuar tentando fazer a mesma coisa.” Sendo assim, a atividade lúdica suscita no educando sentimentos diversos que o levam a participar ativamente da atividade proposta. Neste caso “o conceito do que é lúdico repousa sobre a ideia do prazer que reside no que se faz.” (D’ÁVILA, 2006, p.18). Sobre este fato Vigotski (2010) fala da educação dos sentimentos, o mesmo coloca que quando o professor pretende comunicar algo a um aluno deve procurar atingir seu sentimento. E quando falamos de sentimentos colocamos aqui as histórias infantis como atividades que despertam nos alunos os mais diversos sentimentos, quando contadas de forma lúdica fazem com que os educandos vivenciem plenamente os momentos pelos quais os personagens passam.

As histórias podem estimular nos alunos criatividade, imaginação, reflexão e transformação. Ainda assim, o espaço para as atividades lúdicas como histórias, é pouco explorado pois “o ensino criativo e lúdico tem cedido espaço para ações repetitivas e mecânicas. Muitas dessas ações, realizadas, sobretudo no Ensino Fundamental, têm no livro didático o seu mestre.” (D’ÁVILA, 2006, p.16).

Logo, é necessário alertar o professor sobre o seu papel de mediar o desenvolvimento do aluno, introduzindo em suas aulas atividades lúdicas como as histórias, enfatizando as interações dos alunos com seu meio social, contextualizando os conteúdos, despertando alegria e prazer no aluno para que ele se motive a permanecer nas atividades propostas em sala e consequentemente construir conhecimento.

Nesse contexto, propõe-se a criação de uma história para introduzir o conteúdo de mamíferos e anfíbios nas aulas de ciências naturais, pois acredita-se que a utilização da mesma proporcione ricos processos de mediação e dê suporte para os alunos alcançarem uma aprendizagem mais significativa. A pesquisa visa avaliar a percepção dos alunos e dos professores com relação ao uso de história no ensino de zoologia.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Ludicidade: Como Utilizar a Imaginação e a Fantasia no Processo de Ensino Aprendizagem

O ensino-aprendizagem pode ocorrer por meio de atividades lúdicas dentro do contexto escolar, porém os professores optam geralmente por utilizar como únicas ferramentas de aprendizagem o quadro e o livro didático, que muitas vezes são chamadas de metodologias tradicionais, aqui devo defender que este tipo de metodologia também tem sua importância, já que cada aluno tem sua singularidade e muitos deles também aprendem com este tipo de metodologia. Porém, atualmente são propostas outras metodologias que tornam o aprendizado significativo, motivador e interativo. Dentre essas metodologias as atividades como jogos, teatros, músicas e histórias entram em evidência, pois as mesmas têm ganhado bastante espaço entre os estudiosos da educação, por serem capazes de despertar a curiosidade, sociabilidade e aprendizagem dos educandos. Nesse sentido, Cândido e Ferreira (2012, p. 2) corroboram com essa idéia ao afirmarem que:

A utilização de recursos como o jogo educativo propicia um desenvolvimento integral e dinâmico nas áreas cognitiva, linguística, moral, social e motora. A participação em jogos contribui para a formação de atitudes sociais como companheirismo, honestidade, cooperação, obediência e entendimento das regras, senso de responsabilidade, iniciativa grupal e individual.

O fato das atividades lúdicas envolverem jogos e brincadeiras faz com que muitos educadores as menosprezem, mas essas atividades possibilitam que os educandos também aprendam e participem de forma ativa e criativa do processo de ensino-aprendizagem. Assim, “O ensino lúdico é aquele em que se inserem conteúdos, métodos criativos e o enlevo em se ensinar e, principalmente, aprender”. (D’ÁVILA, 2006, p.18). Mendes (2011, p.25) ressalta que:

A atividade lúdica contempla não somente o jogo infantil, mas uma maneira específica de se relacionar com o mundo, permeada por processos de imaginários e criadores que podem ser vivenciados tanto na brincadeira propriamente dita como por outras inúmeras atividades que suscitem a imaginação e a fantasia.

Atividades que suscitam a imaginação e a fantasia, como é o caso das histórias, possibilitam que os alunos experimentem a imaginação como um instrumento para adquirirem conhecimento, ou seja, podem utilizar o ambiente imaginário como um espaço de intenso desenvolvimento intelectual. Segundo Cardia (2011, p.4):

Quando se trabalha o lúdico na educação, abre-se um espaço para que a criança expresse seus sentimentos, oferecendo a ela a oportunidade para desenvolver a afetividade, para a assimilação de novos conhecimentos. A partir do lúdico criam-se espaços para a ação simbólica e a linguagem podendo ser trabalhado com limites e regras entre a imaginação e o real.

As situações imaginárias são vivenciadas pelas crianças desde muito cedo, é comum observar uma criança brincando de escolinha onde ela é a professora e a mesma imita o comportamento de uma professora de verdade o mesmo acontece quando a criança faz do

controle da TV um microfone, do cabo de vassoura um cavalo. Isso ocorre porque a criança está vivenciando uma situação imaginária ou brincando de faz de conta. O mesmo ocorre quando a criança ouve uma história, a mesma se envolve ludicamente e passa a vivenciar e sentir o que é contado em uma história, passando assim a vivenciar uma situação imaginária provocada pela história. Para Barbosa; Santos e Cardoso (2008, p.24).

Imaginando e criando, a criança terá a possibilidade de conhecer diferentes lugares, tempos e formas de agir e viver, além de satisfazer diversas curiosidades que tem sobre o mundo e desenvolver relações interpessoais, por meio do uso das informações obtidas nas histórias ouvidas e lidas.

No contexto de imaginário podemos dizer que atividades escolares nas quais o sujeito se relaciona e interage com a arte, podem trazer ricos processos de aprendizagem. Neste sentido temos as histórias infantis como grande aliadas no ensino aprendizagem de biologia, com ênfase em zoologia. Pois por meio das histórias podemos abordar vários temas e fazer com que os alunos participem ativamente das aulas como autores do processo de ensino-aprendizagem.

2.2. Utilização de História na Educação Básica

Antes da escrita a contação de história era tida como uma das únicas formas dos povos manterem as tradições vivas, e até mesmo exercerem a sua comunicação. Segundo Ramos (2011, p.32):

A arte de narrar histórias encontra suas raízes nos povos ancestrais que contavam e encenavam histórias para difundirem seus rituais, os mitos, os conhecimentos acerca do mundo sobrenatural ou não, e sobre as experiências adquiridas pelo grupo ao longo do tempo.

A narração de histórias também tem suas raízes visuais, essas evidências vêm dos povos muito antigos que “ao narrarem suas histórias as pessoas também registravam nas paredes das cavernas, com desenhos e pinturas, suas experiências vividas no cotidiano” (RAMOS, 2011, p. 32). Assim, considera-se que a memória auditiva e visual são essenciais para armazenar o conhecimento transmitido de geração em geração, por meio das histórias.

Ao longo dos anos, as narrativas foram se transformando, e em muitos momentos não se falava mais em tradições passadas de gerações em gerações, os contadores traziam contos de monstros dos mares, de animais ferozes, elas muitas vezes eram contadas por navegantes que paravam em portos e faziam rodas de amigos em pequenas comunidades, logo as contações de histórias foram se concentrando no meio rural, porém, com o surgimento da escrita e logo após das tecnologias, essa arte milenar foi quase extinta das rodas sociais.

Em meados do século XX essa arte se transformou em uma arte urbana. Ramos (2011, p. 34) salienta que:

Os contadores de histórias, após terem quase submergido em consequência do surgimento das novas mídias, ressurgem, como fenômeno urbano, dando origem, ao que hoje se conhece como novos contadores, ou contadores urbanos. Com o surgimento dos contadores urbanos, a arte de contar história passou a ser reconhecida também no campo pedagógico.

Os novos contadores não contam apenas suas experiências, mas transmitem histórias de outros autores e imprensas. Quem nunca ouviu as narrativas de chapeuzinho vermelho, bela adormecida que permeiam os sonhos das crianças? Com esse tipo de história o público passou de adultos para crianças e as histórias tornaram-se infantis

No meio educacional, muitas histórias são contadas para crianças na tentativa de aguçar nas mesmas o desejo pela leitura. Geralmente essa inserção ocorre nos primeiros anos do ensino fundamental, as narrativas têm sempre um cunho moral, buscando integrar na criança valores morais. Embora para a criança muitas vezes a história represente muito mais do que isso, pois podem promover e despertar na criança diversos sentimentos como alegria e prazer, também promovem interação e estimulam de forma eficaz a leitura e a aprendizagem, sobre este assunto Mendes (2011) destaca que quando a criança lê ou escuta uma história, ela tem a possibilidade de expressar um infinito mundo de fantasia, no qual diferentes situações podem ocorrer. Sendo assim, as histórias favorecem aos educandos um pensar crítico e um olhar diferenciado da realidade que os cercam.

O que se percebe é que quando a criança vai avançando de série as histórias vão sendo deixados de lado pelos educadores, até o 4º ano os alunos ainda convivem com histórias em sala de aula, pois segundo Hewlett (2010, p.126) “os professores que trabalham com alunos entre os 6 e 7 anos usam histórias regularmente” porém do 4º ano até o ensino médio os professores não costumam utilizar esse tipo de metodologia, Hewlett (2010) aponta várias razões para que isso aconteça, as histórias serem mais longas dificultando assim o interesse dos alunos, os professores acham que não precisam perder tempo lendo ou contando uma história, pois os mesmo acreditam que isso trás prejuízo para a ciência. O autor aponta que as soluções são simples começa pelo planejamento, o professor não precisa utilizar o texto inteiro, podem ser construídas novas histórias e muitas vezes podem ser utilizadas as mesmas histórias para várias idades diferentes depende da abordagem utilizada. O importante ao utilizar as histórias em qualquer série é saber bem que história escolher e como utilizar para a finalidade escolhida, ainda assim é importante lembrar que a finalidade escolhida pelo professor pode não ser a mesma pelo aluno, neste caso o professor precisa incentivar o prazer com a atividade para poder motivar a aprendizagem e o alcance do objetivo proposto.

Embora existam ainda poucas pesquisas que mostram que as histórias podem e devem ser utilizadas em qualquer série, Hewlett (2010, p.125-126) trás que “as histórias representam um veículo para relacionar conceitos já conhecidos a novas ideias. As boas histórias têm o potencial de motivar os alunos, fazendo com que se sintam envolvidos, relacionando sua própria visão do mundo com os personagens do livro.” As mesmas podem trazer grandes possibilidades de aprendizagem.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada no presente trabalho foi de cunho qualitativo, pois na “pesquisa qualitativa, os investigadores imergem no mundo dos sujeitos observados, tentando entender o comportamento real dos informantes, suas próprias situações e como constroem a realidade em que atuam”. (OLIVEIRA, 1982. p.8). A mesma visa avaliar a percepção dos alunos e dos professores com relação ao uso de história no ensino de zoologia.

A pesquisa foi desenvolvida com quatro turmas do ensino fundamental, com a participação de 80 alunos sendo duas turmas do 6ºano/5ª série e duas do 7ºano/6ª série de uma

escola da rede pública de ensino da zona urbana de Planaltina, cidade localizada a aproximadamente 38 km de Brasília, capital do Distrito Federal. Os estudantes possuíam idades entre 12 e 15 anos.

A escola funciona no turno matutino e vespertino atendendo às séries finais Ensino Fundamental e no período noturno atendendo a Educação de Jovens e Adultos (EJA). A estrutura física da mesma é composta por salas pequenas, uma sala de vídeo, um laboratório de Ciências que foi transformado em depósito, um laboratório de informática fora de uso e uma pequena biblioteca.

3.1 Instrumentos

3.2 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Foi elaborado um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (Anexo 1) que continha o objetivo geral da pesquisa e como a mesma seria realizada. O documento vislumbrou informar aos pais, responsáveis e aos professores todas as etapas que foram realizadas com os alunos durante a pesquisa.

3.3 Construção da História

A primeira intervenção da pesquisadora, em sala de aula, teve por objetivo sondar o conhecimento dos alunos a cerca dos animais e ganhar a afeição e a confiança dos mesmos. Por meio de conversas informais, nos intervalos das aulas, a pesquisadora fez várias perguntas aos alunos e professores, estas perguntas buscavam saber o que eles conheciam de animais e como contextualizavam esses conhecimentos. Após este primeiro momento percebeu-se que os alunos tinham grande dificuldade com as classes de mamíferos e anfíbios.

Em um segundo momento, após descobrir que conteúdos os alunos tinham mais dificuldades, procedeu-se uma revisão bibliográfica e a seleção de conceitos sobre a biologia de mamíferos e anfíbios. A partir destes dados, foi iniciada a escrita de uma história, inserindo os conceitos adaptados. Porém, ao realizar a releitura percebeu-se que não havia contextualização com o local onde os alunos estavam inseridos, neste momento adaptou-se o ambiente anterior que era uma Savana Africana pelo Cerrado e também os personagens que agora tinham total ligação com esse Bioma. Após escrever a história foi realizada a ilustração da mesma. Todo este trabalho resultou em um livrinho intitulado Caliandra, um sonho de Cerrado: Conhecendo os mamíferos e os anfíbios (apêndice 1).

A referida história foi criada para introduzir as temáticas de mamíferos e anfíbios, contextualizando os conteúdos com o local onde vivem os alunos. Buscou, também, facilitar a participação ativa dos alunos nas aulas de Ciências. Trouxe como personagens: uma menina chamada Caliandra, uma borboleta e um sapo.

A história trata de uma menina chamada Caliandra que sonhava em conhecer os animais do cerrado, os mamíferos e os anfíbios, como ela não podia sair de casa para ver esses animais os encontrava em seus sonhos todas as noites. Certo dia em um de seus sonhos ela conheceu uma grande amiga que era uma borboleta, as duas seguiram conhecendo muitos animais dos Cerrado dentre eles o lobo guará onde a menina aproveitou para explicar o que era um mamífero e as características da classe, em seguida as duas acabam por encontrar um sapo super bravo que as

explica um pouco sobre os anfíbios, deixando a menina maravilhada. No momento seguinte a borboleta encontra uma lagarta e explica para a menina que aquela lagarta irá se transformar em uma linda borboleta, explicando todo o processo de metamorfose. Caliandra acorda e vai para a escola. Lá ela conta a todos os seus amigos o que sonhou e que aventuras viveu em seus sonhos, seus colegas por sua vez também gostaram da ideia e todas as noites passaram a encontrar Caliandra no sonho e viverem grandes aventuras, descobrindo o cerrado e os animais que nele vivem.

3.4. APLICAÇÃO DA HISTÓRIA

Após a devolução do TCLE, antes de iniciar a contação da história, a sala foi transformada em um ambiente diferente, foram retiradas todas as carteiras de dentro da sala e colocadas almofadas no chão, foram coladas nas paredes da sala várias imagens de 1.20 cm por 90 cm de animais do Cerrado como lobo guará, cutia, paca etc. Foram colocados diferentes pássaros no teto da sala e um fundo musical com sons de animais do Cerrado, buscando facilitar a imaginação dos alunos, para que os mesmos conseguissem se sentir em um outro ambiente que não fosse o escolar. Após a transformação da sala de aula os alunos foram convidados a entrar e foi explicado como ocorreria a contação, ou seja, que eles seriam personagens de uma história deu-se uma pequena introdução dos personagens para que eles pudessem escolher quem eles gostariam de ser, foram entregues para cada aluno um livrinho da história e eles foram divididos em grupo de acordo com os personagens que eles escolheram, cada grupo representou um personagem da história, o pesquisador também foi um personagem, os grupos ficaram divididos da seguinte maneira:

Tabela1: Divisão dos personagens

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4 (pesquisadora)
Caliandra	Borboleta	Sapo	Narrador

Após a divisão dos grupos iniciou-se a contação da história, em cada momento que apareciam os animais que continham na história como o lobo guará, salamandra, sapo, borboleta a pesquisadora mostrava a imagem colorida impressa em folha A3 e perguntava se era parecido com aquela imagem o animais que eles tinham imaginado, após a resposta os mesmos continuavam a contação.

3.5 Avaliação do Recurso

A avaliação do recurso foi de cunho qualitativo realizada em duas etapas, uma logo após a contação da história, onde foi feito um círculo com os alunos e realizado um debate sobre a atividade para sabermos o que eles mais gostaram e o que poderia melhorar na história.

A segunda avaliação foi realizada uma semana depois, onde a pesquisadora voltou ao local e avaliou que conceitos os alunos tinham adquirido com a contação da história, essa etapa foi realizada por meio de imagens. Todas as etapas da avaliação e da contação foram gravadas para a análise dos dados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados foram divididos em duas categorias, com o intuito de facilitar a organização dos dados, essas categorias não foram pré-definidas, surgiram a partir da análise dos resultados. As categorias são as seguintes: percepção dos alunos e dos professores em relação ao recurso e metodologia utilizada e a construção de conceitos pelos alunos.

4.1. Avaliação da percepção dos alunos e das professoras com relação ao recurso e metodologia utilizada

Esta etapa da avaliação do recurso foi realizada uma semana após a aplicação do mesmo e foi dividida em dois momentos uma com os alunos e outra com os professores de ciências das turmas que participaram da pesquisa.

a) Com o professor

As duas professoras foram identificadas como professora 01 para a do 6º ano/5ª série e professora 02 para a do 7º ano/6ª série. Primeiramente foi pedido para que as duas professoras falassem o que acharam do recurso e da metodologia utilizada.

As mesmas disseram que a atividade foi muito boa, destacaram a importância da contextualização da história, elogiaram o fato do enredo da história ter ocorrido no Cerrado o que, segundo elas, faz com que os alunos conheçam o local onde vivem. Em relação à temática as professoras expressaram as seguintes palavras:

“O legal é que foi usado o Cerrado como cenário, foi uma sacada muito boa, assim ficou até mais fácil dos alunos saberem do que estava se tratando a história, embora muitas coisas para eles fossem novidades, eles tinham alguma ideia do que se tratava.” (professora 1)

“Utilizar animais do Cerrado foi uma parte bacana, porque os alunos tiveram a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre esses animais” (professora 2).

Autores como Santos e Terán (2009) destacam a contextualização como um dos pontos, que os professores da educação básica, tem grandes dificuldade em fazer. Os próprios livros, como já citados, vêm descontextualizados, em muitos destes os mamíferos e os anfíbios são sempre animais de outros países como leão e tritão, ou seja, “é de fundamental importância promover através das narrativas literárias destinadas as crianças, condições para que tenham contato com os animais da fauna brasileira (COSTA 2011, p. 11)”.

As professoras ainda destacaram que o recurso facilitou muito a participação dos alunos, segundo a professora do 7º ano os alunos não apresentam interesse em participar do que ela propõe. Este fato pode evidenciar que o tipo de metodologia utilizada pela referida professora não promove no aluno um estímulo a participação em suas aulas. A mesma expressou com espanto o fato dos alunos terem participado da atividade proposta.

“nossa eu me surpreendi, pois achei que eles não iam participar, pois quase nunca participam do que peço para eles”. (professora 02).

Para Vigotski (2010, p. 453) “o problema não é o mestre está inspirado, porque a sua inspiração nem sempre atinge o aluno, o problema é antes fazer os alunos ficarem inspirados pelo mesmo motivo”. Neste sentido, o professor tem o papel de mediador e também de estimular de forma eficaz a participação dos alunos nas atividades propostas em sala, porém este fato dificilmente ocorre, os professores trabalham com metodologias tradicionais e acabam por não inserirem em suas aulas atividades lúdicas, que podem fazer com que os alunos sintam alegria e prazer em participar da aula, em tese, as aulas atualmente são com a utilização, muitas vezes, exclusivamente do quadro e do livro, o que colabora com a falta de estímulo dos alunos em sala. D’Ávila (2006) destaca que o lúdico tem perdido grande espaço para metodologias mecanicistas, que prezam pela repetição, tendo o livro didático como único instrumento. Para que os professores possam estimular os alunos é necessário um planejamento pedagógico e não simplesmente um planejamento conteudista, corroboram com esta idéia Santos e Terán (2011) ao relatarem que o planejamento de aula tem se tornado apenas um documento burocrático e não trazem de forma alguma uma teoria pedagógica.

Embora as professoras tenham colocado que gostaram do recurso, que o mesmo facilita a aprendizagem, as mesmas disseram que não usariam. Uma das professoras considera que utilizar a metodologia seria perder tempo, pois ela precisa correr com o conteúdo.

Não. Eu não usaria, pois eu acho que não conseguiria organizar sozinha, além disso, eu não tenho tempo de preparar algo assim para eles, pois tenho que correr com o conteúdo, não posso perder tempo. (Professora 02)

Acho que não, pois eles bagunçam muito, eu não conseguiria controlar não, eu até já usei histórias com eles algumas vezes no início de algumas aulas, mas é muito difícil de achar as história sobre os conteúdos, então eu acabo deixando para lá. (professora 1).

A professora ao dizer que é difícil achar as histórias com os conteúdos reforça a idéia de que os professores esperam materiais prontos, mas sabemos que os mesmo podem produzir seus próprios materiais assim como feito com a história, em sala eles podem não só produzir, mas produzir junto aos alunos.

Hewlett (2010) aponta que os professores acham que não precisam perder tempo lendo ou contando uma história, pois consideram essa atividade pode trazer perca para a ciência. Este tipo de pensamento não é exclusivo dela, muitos professores da rede de ensino acham que metodologias que utilizam atividades lúdicas não trazem aprendizagem ao aluno.

Com relação ao que precisaria melhorar na história e na metodologia a professora 1 um foi categórica ao dizer:

Nada, eu achei que a história é ótima, os conceitos estão simples e eles conseguiram entender, poderia tranquilamente ser apenas lida por eles em casa, o que facilitaria depois quando eles chegassem para aprender sobre mamíferos e anfíbios e também sobre a metamorfose da borboleta que também ocorre no sapo. Também achei que os personagens foram bem colocados. (professora 1)

O que fez com que os alunos se interessassem em participar da contação e a interagirem entre si, foi o tipo de metodologia utilizada, se eles simplesmente tivessem levado a história para casa e lido, provavelmente a mesma não teria o mesmo efeito. Este tipo de fala da professora reforça a resistência dos educadores por metodologias diferentes, que valorizem o lúdico e que levem em consideração o que o aluno sente.

Talvez acrescentar um pouco mais de conceitos, e também de personagens, pois assim abriria um leque maior de possibilidades para explorar o tema. (professora 2).

A professora tem uma visão conteudista, é claro se fossem colocados ainda mais conteúdos na história talvez não teria o mesmo efeito, pois poderia perder seu caráter lúdico, além disso, a história era para introduzir o conteúdo e não sanar todas as dúvidas, mas aguçar os alunos sobre o conteúdo.

Ao serem questionadas se o recurso favorecia a interação as mesmas disseram que sim, porém não se sentem a vontade para fazer a atividade:

Com certeza, se for bem utilizado, favorece e muito, pois como você mesmo pode perceber eles participaram bastante, até mesmo os alunos mais danados estavam vidrados e lendo a história, eu realmente não conseguiria fazer o que você fez, pois durante esses 20 anos de secretaria eu nunca consegui fazer com que todos os alunos participassem, ainda mais com os alunos Deficiente Auditivos(D.A), que puderam pela primeira vez ao meu ver participar realmente da aula, pois eles estavam acompanhando lendo e também vendo as imagens e assim eles sabiam do que estava falando a história, foi realmente muito bom. (professora 1)

Acho que sim, pois os alunos mesmo se organizaram para participar, eles mesmos escolheram o que queriam ser, e também porque eles sabiam que sem eles não daria certo, talvez por isso eles tenham participado, porque quando a gente está apenas falando é como se eles não fizessem parte daquele momento e na hora da história não, eles sabiam que sem eles não daria para contar. A história por si própria talvez não faria com que eles participassem, mas a forma como foi colocado né, ou seja a metodologia utilizada é que fez com que eles se sentissem parte disso. (professora 2)

Com relação às falas das professoras podemos concluir que não só a história mas a metodologia utilizada foi muito importante para a participação dos alunos na intervenção, é claro que aqui podemos levar em consideração o que Vigotski (2010) teoriza com relação à atividade lúdica, o mesmo trás que quando a atividade é lúdica para uma criança ela tende a continuar fazendo, ou seja, o fato da história ter sido contada de forma diferenciada da tradicional aula com quadro e livro, fez dela uma atividade lúdica, isso não quer dizer que tudo que é diferente de quadro e livro seja lúdico, o que queremos dizer aqui é que a escolha da metodologia levou em consideração a afetividade como ponto central, o aluno deveria sentir prazer, se sentir feliz ao participar da atividade, assim ele continuaria participando. Este fato é corroborado pela professora 2 quando ela coloca que a história por si mesma não seria o suficiente para que os alunos participassem, levando em consideração a importância da metodologia

Devemos, como professores, levar em consideração a singularidade de cada aluno, cada educando tem formas diferentes de aprender. “No ambiente escolar o que é priorizado é o ensino mecânico, sem levar em consideração que os alunos aprendem de forma diferente”. (RODRIGUES JÚNIOR E MEDEIROS, 2013. P.5). As metodologias devem ser diversas, assim como a utilizada durante a intervenção, pois a pesquisadora utilizou várias formas de ensinar, como a leitura, interpretação, utilização de imagens, realizada de uma maneira lúdica, onde os alunos puderam demonstrar por meio das imagens o que aprenderam.

Podemos constatar com a fala da professora 1 outro ponto importante, a questão da participação dos alunos Deficientes Auditivo (D.A). A contação da história levou em consideração a presença deste em sala de aula, por isso as imagens grandes para que eles pudessem visualizar e os livrinhos, para que os mesmos pudessem acompanhar a contação. Frequentemente ouvimos falar em inclusão, mas como está ocorrendo essa inclusão? De que forma os professores encaram essa nova fase da educação? Durante a observação pude perceber que os alunos (D.A) ficam em um canto da sala com a intérprete que traduz o que a professora explica durante a aula, mas em nenhum momento há realmente uma inclusão, pois os mesmo não participam ativamente da aula. Com a contação eles puderam, assim como os outros, expressarem seus sentimentos e puderam de maneira direta participar da atividade.

Outro ponto relevante na fala das professoras é a declaração de serem incapazes de reproduzir a atividade, pois não se sentem a vontade com o tipo de metodologia, as mesmas demonstram resistência ao novo. Sobre isto Freire (2002, p. 04) coloca que “de nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável à mudanças.” A fala das mesmas também nos remete que os professores geralmente querem ter o conhecimento ou mesmo o recurso pronto. A professora 1 corrobora com esta ideia ao dizer que não acha histórias com os conteúdos das aulas. Não é necessário achar histórias com os conteúdos. Hewlett (2010) aponta que as soluções para este tipo de indagação o mesmo aponta que o professor não precisa utilizar o texto inteiro também podem ser construídas novas histórias. O que vemos atualmente são professores que sempre recebem tudo pronto o que reflete na forma como ele também transmite o conhecimento, que muitas vezes é um conhecimento pronto, sem deixar que o aluno questione e exerça autonomia em sala de aula.

b) Com os alunos

Após a aplicação da história foram feitas as seguintes perguntas aos alunos: vocês gostaram de participar da atividade?

Tabela 2: Avaliação da aplicação da história

Alunos 6° ano/5ª Série	Porcentagem (%)
Sim	90
Não	10
Alunos 7° ano/6ª Série	Porcentagem (%)
Sim	83
Não	17

Dos alunos que disseram não terem gostado de participar os motivos foram que essa metodologia não é frequente e os mesmos não estão acostumados com aulas diferenciadas. Respostas como: *“eu não gostei, pois nunca participei de uma aula assim.”*(aluno 6 ano/7 serie) E *“não gostei porque eu to acostumado com a professora dando a aula no quadro.”*(aluno 6º ano/5ª serie). As falas dos alunos refletem o tipo de metodologia utilizada pelas professoras que normalmente são pautadas em transmissão de conceitos e conteúdos, onde os alunos são meros espectadores. Vigotski (2010) trás que os alunos até hoje têm permanecido nos ombros dos professores, tem visto tudo pelos olhos do professor. O mesmo aponta que já é hora dos professores ensinarem os educandos aprenderem a tomar suas próprias decisões, e fazer suas próprias escolhas.

Quanto aos que gostaram, as repostas foram:

“Sim, eu amei, as aulas podiam sempre ser assim.”(aluno 7º ano)

“Eu gostei muito, pois todo mundo participou, foi bem legal, também eu gostei muito de contar a história.” (aluno 7º ano)

“Foi mais fácil sim, pois todo mundo tinha que participar então ninguém ia ficar rindo do outro, pois todos participariam, como era em grupo eu não fiquei com vergonha de ler”. (aluno 6º ano)

“Sim, pois cada um de nós tinha o livro com a história e também a gente era os personagens, então nós também fizemos parte da história, aí fica mais fácil participar, pois a gente foi todo mundo aprendendo junto.” (aluno 6º ano).

Estas palavras ditas pelos alunos refletem a dimensão do lúdico, os alunos gostam de participar, pois se sentiram bem e felizes, se sentiram parte ativa em sala. Hewlett (2010) trás que as boas histórias têm o potencial de motivar os alunos e faz com os mesmos se sintam envolvidos em sala de aula. Com as respostas dadas vemos que a metodologia de contação da história atingiu a grande maioria dos alunos, fazendo com que os mesmo pudessem interagir e aprender com a história.

Quando indagados se os mesmo aprenderam com a história a resposta foi que sim, ao responderem afirmativamente foi perguntado o que eles aprenderam.

“eu aprendi que a borboleta tem várias fases e que ela tem um momento em que ela é ovo eu não sabia, eu só sabia que ela virava pupa, mas ovo não, eu pensava que ela já nascia lagarta.” (aluno 7º ano).

“Nossa eu descobri que os mamíferos todos tem glândulas mamárias até mesmo os que são machos, eu também não sabia que aquela Cecília era um anfíbio eu sempre pensei que era uma cobra.” (aluno 6º ano).

“Eu pensava que anfíbio era só o sapo, mas tem várias ordens, muito legal isso, tem os apodes, urodelos que são as salamandras e os sapos que são os anuros. Aprendi tudinho né professora?” (aluno 7º ano).

“Eu aprendi com a história que os lobos não andam em bandos que ele gosta muito de lobeira e também aprendi que no Cerrado tem mamíferos e anfíbios.” (aluno 6º ano).

Portanto cabe enfatizar que após a contação da história os alunos ainda conseguiram lembra-se dos conceitos principais e que os mesmo sempre se reportam à história para falarem dos conteúdos. Para D’Ávila (2006) no ensino lúdico podem ser inseridos conteúdos e métodos criativos, o que nos leva a compreender que as atividades lúdicas também podem trazer aos educandos uma oportunidade diferenciada de ensino-aprendizagem. “As situações lúdicas são muito interessantes, uma vez que possibilitam interações sociais favoráveis à aprendizagem e ao desenvolvimento” (MIRANDA, 2005, p.16)

Os alunos ainda salientaram que gostariam que as histórias fossem utilizadas para introduzir outros conteúdos como universo, ciclo da água e plantas. Tal fato é evidenciado nos trechos a seguir:

“poderia ter história sobre o universo professora, imagina a gente mesmo podia fazer a história igual a senhora fez.” (aluno 6º ano).

“Seria bom se tivesse em universo, pois é muito abstrato, eu quase não entendi nada e com a história acho que eu poderia até imaginar como seria, pois com a história de Caliandra eu me senti como se estivesse lá dentro do livro, foi muito bom. Imagina se fosse de universo, a gente poderia fazer um cenário bem legal e fazer uma história eu me sentiria o próprio cientista.” (aluno 6º ano).

“Podia ser sobre as plantas, e poderia ser com as próprias plantas do Cerrado assim, quando eu chegasse em casa eu poderia realmente ver tudo que estava na história, então tudo que eu imaginasse se tornaria real, já imaginou?” (aluno 7º ano).

Nestes trechos é possível perceber que os alunos exercitaram a imaginação como um instrumento de aprendizagem durante a história. Quando o aluno fala *“senti como se estivesse lá dentro do livrinho”* o mesmo conseguiu se colocar em uma situação imaginária e vivenciou as experiências dos personagens como se fossem reais. Barbosa; Santos e Cardoso (2008) colocam que quando a criança imagina, a mesma tem a possibilidade de conhecer diversos lugares e formas de agir, satisfazendo suas curiosidades sobre o mundo. E é este tipo sentimento que os professores devem despertar nos alunos com suas pedagogias, a vontade de continuar, de imaginar e de criar.

Os alunos ainda colocaram diversos pontos positivos e como pontos negativos os mesmo colocaram que deveria ter mais personagens. A tabela a seguir ilustra algumas respostas dos alunos:

Tabela 3 – pontos positivos e negativos da história de Caliandra

6º ano/7ª série	7º ano/6ª série
-----------------	-----------------

<p>Pontos positivos</p> <p><i>“Eu gostei muito dos personagens”.</i></p> <p><i>“foi quando a Caliandra encontrou a borboleta e elas se tornaram amigas”.</i></p> <p><i>“a forma como foi contada, junto com a gente, os conteúdos que tinha na história, a forma simples que deu pra gente entender tudo”.</i></p>	<p><i>“a interação de todo mundo com a história, as imagens foram muito boas”.</i></p> <p><i>“Ter a história falando de um conteúdo já foi um ponto positivos”.</i></p> <p><i>“Acho que o fato dos nossos colegas (aqui referindo-se aos D.A) terem participado”.</i></p>
<p>Pontos negativos</p> <p><i>“Acho que devia ter mais personagens”.</i></p> <p><i>“Não teve pontos negativos professora”.</i></p> <p><i>“Devia ter mais alguns personagens do Cerrado e também do nosso dia a dia como cachorro e gato”.</i></p>	<p><i>“Queria que a Caliandra tivesse conhecido mais coisas, pois passou muito rápido”.</i></p> <p><i>“Devia colocar mais personagens humanos na história”.</i></p> <p><i>“Acho que não tem pontos negativos não”.</i></p>

Inferimos com essas respostas da tabela 3, que os alunos gostaram da metodologia utilizada ao falarem da forma como foi contada a história, A participação dos alunos (D.A) foi um fato importante onde um deles colocou sobre a interação entre eles. A metodologia escolhida para contar a história favoreceu intencionalmente a participação e a interação dos alunos, o mesmos tiveram a oportunidade de expressarem seus sentimentos por meio dos personagens, como já dito anteriormente, eles se envolveram em uma nova situação, aqui muitos deles tiveram a oportunidade de exercitar sua imaginação. Devemos colocar aqui que é papel do professor escolher os textos que irão usar e também a metodologia que seja adequada aos alunos que os mesmos dão aula. Os PCNs (BRASIL, 1998, p.127-128) corroboram com essa ideia ao colocarem “os textos não são autoexplicativos; estão situados em contextos históricos e éticos que devem ser problematizados, para que seu significado e intenção possam ser percebidos pelos estudantes”.

O principal ponto negativo que os alunos colocaram foi o fato da história ter poucos personagens, pois eles gostariam de conhecer outros animais, essas sugestões são importantes para o aprimoramento do recurso, claro que para que fossem inseridos mais personagens seria necessário escrever um novo roteiro, o que pode ser feito em outro momento e até com outro conteúdo, ou outras classes de animais.

4.2 Construções de conceitos pelos alunos

Em um tópico anterior a este, sobre a percepção dos alunos com relação a recurso, foi perguntado se eles haviam aprendido com a história e os mesmos disseram que sim, em seguida falaram o que haviam aprendido, após este momento partimos para a comprovação do que eles realmente haviam aprendido.

Assim, este tópico buscou verificar que conceitos os alunos conseguiram aprender com a contação da história e de que maneira a mesma conseguiu de forma eficaz ajudá-los a internalizar os conceitos.

Para que os alunos conseguissem internalizar os conceitos foi utilizada uma metodologia que focou em uma atividade lúdica relacionada à contação da história, e para avaliar se os mesmos conseguiam construir os conceitos foram utilizadas diversas imagens e pedido para que os alunos montassem diferentes esquemas. Com este tipo de avaliação os alunos puderam desenvolver funções complexas como memória, atenção etc. Vigotski (2007, p. 102) trás sobre este assunto que:

O ensino só tem sentido, porém, se for organizado de forma a promover a aprendizagem nos alunos e, conseqüentemente, o desenvolvimento das capacidades psíquicas: memória, atenção, percepção e raciocínio, isto é, “o bom aprendizado” é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento.

Foi possível inferir que os alunos utilizaram dessas capacidades de memória, atenção e percepção durante a própria contação e também durante a avaliação do recurso, pois a todo o momento os mesmo se reportavam à história para explicarem os conceitos que tinham aprendido.

Estes conceitos que os educandos puderam aprender foram realizados de forma lúdica, pois os mesmo se envolveram com prazer e alegria na atividade e participaram como autores do seu próprio desenvolvimento, fazendo, assim, com que os conceitos tidos na história fossem internalizados de forma criativa. Neste sentido, “a formação de conceito é um processo criativo, e não um processo mecânico e passivo” (VIGOTSKI, 2008,p.66).

Sendo assim, esta etapa de avaliação dos conceitos aprendidos pelos alunos foi dividida em três momentos, sendo o primeiro relacionado ao que os alunos aprenderam sobre mamíferos, o segundo sobre o que eles aprenderam sobre anfíbios, e um terceiro que foi como eles conseguiram visualizar a metamorfose da borboleta.

a) O que os alunos aprenderam sobre mamíferos

Foram levadas para os alunos várias imagens de todas as classes de animais e eles deveriam separar as imagens dos mamíferos em seguida explicar porque das imagens escolhidas. Dessa forma foi avaliado o que eles apreenderam sobre mamíferos com a história contada e que conceitos eles conseguiram absorver. As imagens colocadas para eles escolherem foram as seguintes: Veado campeiro, lobo guará, cachorro e gato.

Tabela 4 : Respostas dos alunos com relação à escolha das imagens de mamífero

Por que da escolha do animal como mamífero	6° ano/7ª serie	7° ano/6ª serie
Gato	<i>“porque ele tem pelo e também já que vi que ele tem peito então ele tem glândulas mamárias como disse a Caliandra.”</i>	<i>“porque ele tem aquele fundinho no abdômen que no livrinho a Caliandra falou que era o diafragma e também ele tem muito pelo”.</i>
	<i>“escolhemos o lobo guará</i>	<i>“porque na história a caliandra</i>

Lobo guará	<i>porque a Caliandra disse no livrinho que ele é um mamífero”</i>	<i>falou que os mamíferos tem muito pelo, daí na imagem ele tem muito pelo e também está amamentando”</i>
Veado Campeiro	<i>“Veado campeiro porque ele tem pelos e também porque tem glândulas mamárias como estava na história.”</i>	<i>“porque a Caliandra na história disse que os animais que tem glândulas mamárias são mamíferos e também os que tem pelos e o veado tem tudo isso”</i>
Cachorro	<i>“Nós já vimos à cachorra amamentar então ela tem umas das características dos mamíferos citados na história.”</i>	<i>“O cachorro foi o mais fácil, pois a gente já viu de cara que ele tem pelos, muitos pelos e também amamenta que foram duas das coisas que a Caliandra falou que os mamíferos tem, foi fácil identificar.”</i>

b) O que os alunos aprenderam sobre os anfíbios

Tendo em vista que na história foram abordados as ordens dos anfíbios, foram levados também várias imagens de anfíbios junto às dos mamíferos e às outras classes e colocadas no chão da sala de aula, os nomes das três ordens (anuros, urodelos e apodes) estavam no chão também ao lado das imagens. Foi pedido para que os alunos colocassem os animais anfíbios embaixo da ordem ao qual eles pertenciam e dissessem o porquê colocaram no local.

Tabela 5: Respostas dos alunos com relação à escolha das imagens

Porque da escolha da classe dos anfíbios	6º ano/7ª serie	7º ano/6ª serie
Apodes	<i>“Colocamos as cecílias nesses porque o sapo da história falou que essa ordem são os animais que não possuem pernas, então olhando para as imagens só vimos elas que não tem”.</i>	<i>“Colocamos as cobras cegas neste local porque são animais com a pele lisa, não tem pelos e nem pernas, assim como estava na história”.</i>
Urodelos	<i>“Escolhemos as salamandras, pois entre os anfíbios que foram colocados elas são as únicas que possuem calda e o sapo falou que os urodelos são os que têm caldas”.</i>	<i>“São as salamandras, pois elas possuem caldas e tem a pele lisa”.</i>
Anuros	<i>“Escolhemos os sapos, pois eles não têm caldas. Nós lembramos que sapo da história falou que ele não tinha calda e era lindo e maravilhoso”.</i>	<i>“Escolhemos o sapo, pois ele representa os anfíbios sem caldas, ou seja, os anuros”.</i>

b) COMO OS ALUNOS CONSEGUIRAM VISUALIZAR A METAMORFOSE DA BORBOLETA

Foi levado para os alunos um esquema com o ciclo da borboleta, o esquema era composto por imagens do imago, lagarta, ovos e pupa e os alunos deveriam colar na ordem correta explicando cada fase da metamorfose da borboleta.

As quatro turmas colocaram corretamente as imagens, que foram organizadas da seguinte forma:

Ovos → Lagarta → Pupa → Imago

Quando questionados sobre o porquê da escolha da sequência das imagens dessa maneira os mesmos disseram que foi porque na história a borboleta falava que a sequência era essa, este fato fica evidenciado nas figuras 1, 2 e 3 que mostram as sequências que os alunos colocaram as imagens e como os mesmos fizeram juntos.



Figura1: Imagem da metamorfose da borboleta



Figura2- Alunos separando os anfíbios



Figura3: Esquema montado pelos alunos com a separação entre anfíbios e mamíferos

Os relatos transcritos nas tabelas 3, 4 e 5 demonstram que os alunos conseguiram internalizar os conceitos principais colocados na história, ou seja, os mesmos conseguiram sistematizar os conhecimentos prévios e atrelá-los a novos conhecimentos. Os PCNs colocam que este momento de avaliação é de suma importância, não só para saber o que o aluno aprendeu, mas como prosseguir a partir daquele momento. Sendo assim, “a sistematização é um momento privilegiados de comparação de conhecimentos prévios e construídos”. (BRASIL, 1998, p.131). É neste momento que o aluno consegue realmente construir novos conceitos e aprender significativamente.

A função do professor na formação dos conceitos pelos educandos é de suma importância, o mesmo deve mediar este processo em sala de aula, de várias maneiras. Porém o que temos atualmente são professores que tentam de todas as maneiras passar os conceitos prontos, sem fazer com que os alunos pensem sobre as situações e desenvolvam os conceitos. Vigotski (2008, p.104) coloca que “um professor que tenta fazer isso geralmente não obtém qualquer resultado, exceto o verbalismo vazio.” Assim, os mesmos só conseguem que os alunos decorem para fazer as provas e passem de ano, se forem perguntados novamente provavelmente muitos deles não saberão mais os conceitos que escreveram na prova e muito menos dizer o que significa o referido conceito.

Um dos pontos significativos desta avaliação foi o fato dos alunos conseguirem associar corretamente todos os animais a suas classes e ordens, não houve nenhum erro, isso ocorreu porque os mesmos fizeram a atividade toda em conjunto, ou seja, antes de colocar a imagem onde eles achavam que eram primeiro debatiam com os outros colegas da sala até chegarem a uma conclusão de onde colocar a imagem e porque colocar naquele local escolhido. Houve então uma situação de problematização, onde os alunos deviam debater e propor solução para o problema. Os PCNs (BRASIL, 1998, p.131) trazem que:

A problematização busca promover o confronto das vivências e conhecimentos prévios dos estudantes com o conhecimento científico e, com isso, o desenvolvimento intelectual dos estudantes. Os problemas tomam forma nesse processo interativo que engloba a busca de soluções, enquanto os sujeitos vão se constituindo com novos conhecimentos próprios da Ciência.

Este momento de debate entre os alunos é um dos mais valiosos momentos de aprendizagem, pois os mesmos estão debatendo sobre um problema e propondo soluções para o mesmo, ou seja, estão desenvolvendo novas habilidades e competências, além de uma aprendizagem significativa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a pesquisa, ficou evidente a dependência que os professores ainda têm do livro didático e a espera por materiais que já venham prontos, demonstrou-se o quanto os mesmos prezam pelas aulas tradicionais, não que essas não tenham sua importância, porém é necessário usar outras metodologias que possa trazer o lúdico para dentro de sala de aula, pois assim os alunos se envolverão ativamente nas aulas e poderão adquirir verdadeiramente novos conhecimentos.

Outro problema evidenciado durante a pesquisa foi que muitos professores ainda estão acostumados a serem vistos como únicos detentores do conhecimento, em muitos momentos podando a imaginação do aluno, ao entrar em sala, é como se os alunos perdessem totalmente sua autonomia e começassem a pensar pela cabeça do professor. Este tipo de comportamento trás uma perda enorme para o aluno e para a própria educação. Os alunos precisam torna-se os atores dentro de uma sala de aula e não meramente espectadores passivos que aceitam tudo que lhes são impostos. Os mesmos devem “tomar a vida em suas mãos, construírem suas próprias regras, transformando-se em autores do jogo: essa é a lição proibida, a disciplina banida dos currículos.” (OLIVIER E MARCELINO, 1996, p.126).

Este trabalho nos trás uma grande reflexão sobre como as práticas devem estar voltadas para o lúdico a fim de atingir um dos melhores objetivos da educação que é de formar um cidadão crítico. É importante que os futuros docentes não se tornem como tesouras que podam os galhos das árvores, ou seja, não se deve podar a criatividade e a imaginação do aluno. É importante que o professor não seja o que diz ao aluno “um mais um é dois, repitam comigo.” Mas, sejam professores que indagam e sempre coloquem os alunos a questionarem “será que um mais um é dois? Por que?”. Segundo Olivier e Marcelino (1996, p.1):

a escola retira a criança do lúdico possível e a coloca dentro da vida predeterminada, vida do relógio e das obrigações, vida sem a possibilidade de manifestação do lúdico. Porém a enfatizar a repetição, a reprodução ao desconsiderar a dimensão lúdica da vida, a escola corre o risco de extinguir-se, ou, fossilizar-se, exatamente como os dinossauros.

Ao final do trabalho, foi possível salientar que as crianças estão curiosas para descobrirem o mundo a sua volta, cabendo aos professores e também aos autores e escritores aguçarem essa procura com novas histórias, que os mesmos possam guiar a construção do conhecimento científico, assim, as histórias não necessariamente precisam começar com “era uma vez uma princesa”, mas que possam trazer consigo uma veia educacional, como “era uma vez uma menina chamada Caliantra, ela vivia no Cerrado.” Assim, enfatiza-se que a inserção de histórias no ensino traz grandes contribuições para a aprendizagem significativa dos alunos, desde que a mesma seja feita com uma metodologia que se inspire no lúdico que a criança sinta prazer e vontade em participar do que lhe é proposto, para que a mesma se envolva afetivamente

com a atividade e com o educador, já que segundo muitos autores como Vigotski(2010) a afetividade é uma das ferramentas importantes nos processos de ensino-aprendizagem.

Outro ponto importante da pesquisa foi que a história em si, não produziria o mesmo efeito se fosse apenas lida pelas alunas em suas casas ou em sala a pedido da professora, o diferencial foi à metodologia empregada para contar a história, o que favoreceu positivamente a interação entre os alunos e conseqüentemente a participação dos mesmos.

Esta pesquisa demonstra a importância da produção de material pelo próprio professor, para que o mesmo tenha um acervo de material produzido por ele, assim, não é necessário ficar dependendo de material que já venham prontos. Este material pode ser produzido com material de baixo custo, ou então apenas usando uma folha o professor pode escrever uma história. Importante também é que ele pode fazer isso junto aos alunos, fazendo com que os mesmos também produzam material para serem usados em sala.

Este ponto de não produzir seus próprios materiais podem está associados a formação que o professor teve durante sua graduação, pois em muitas licenciaturas não é dado a oportunidade do graduando criar materiais alternativos para dar aulas.

A pesquisadora sugere um aprofundamento das teorias da construção de conceitos por meio das atividades lúdicas, embora se tenha explanado sobre o assunto, ainda há diversos pontos que podem ser explorados, surgindo uma nova questão de pesquisa para interessados no assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, K. S. SANTOS, M. L. R. CARDOSO, P. C. **A arte de contar histórias infantis:** propiciando encantamentos. Atos de pesquisa em educação – ppge/me furb. v. 2, nº 2, p. 293-318, maio/ago. 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** Ciências Naturais/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDIDO, C. e FERREIRA, J de F. desenvolvimento de material didático na forma de um jogo para trabalhar com zoologia dos invertebrados em sala de aula. Cadernos da Pedagogia. São Carlos, Ano 6 v. 6 n. 11, p. 22-33, jul-dez 2012.

CARDIA, J. A. P. **A importância da presença do lúdico e da brincadeira nas séries iniciais:** um relato de pesquisa. Londrina. Revista Eletrônica de Educação. Ano V. No. 09, jul./dez. 2011.

COSTA, R. N. **Análise da Abordagem da Fauna Nativa na Literatura Infantil.** Trabalho de Conclusão do Curso: Ciências Naturais. Orientador: Marcelo Bizerril. Brasília. 2011.

D'ÁVILA, C. M. Eclipse do lúdico. Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 15, n. 25, jan./jun., 2006.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessário a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 2002.

HEWLETT, C. **A ciência das histórias**. In: Ward, Hellen; Roden, Judith; Hewlett, Claire; Foreman, Julie. Ensino de Ciências. 2º. Ed- Porto Alegre: Artmed, 2010.

LUCKESI, Cipriano. **Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna**. 2002. Disponível em: <http://www.luckesi.com.br/artigoseducacaoludicidade.htm>. Acesso em: 06.11.2013.

MENDES, A. C. M. **Oficina lúdica e mediação estética na formação continuada de psicólogos escolares**. Brasília, programa de Pós- graduação em processo de desenvolvimento e saúde, maio de 2011.

MIRANDA, M. I. conceitos centrais da teoria Vygotsky e a prática pedagógica. Ensino em Revista, 13(1):7-28, jul.04/jul.2005.

OLIVIER, G.G. de F.; MARCELLINO, N.C. **Sobre dinossauros, carteiras e pássaros-lira: Do lúdico na vida ao lúdico na escola**. Motrivivência, Ano 8, nº: 9, p. 118 a 135. 1996.

OLIVEIRA, C. L. de. **Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características**. Travessias. Ed. 4. Educação, cultura e linguagem. Alagoas, 1982.

PEREIRA, N. B. **Perspectiva para o ensino de zoologia e os possíveis rumos para uma prática diferente do tradicional**. Monografia, Mackenzie, São Paulo. 2012.

RAMOS, A. C. Contação de histórias:um caminho para a formação de leitores?. Londrina, Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina, programa de pós - graduação em Educação.2011.

RODRIGUES JÚNIOR, D. B. MEDEIROS, A. M. A. **Ensino-aprendizagem de matemática: singularidade no aprender. 7º congresso iberoamericano de educación matemática**, Brasília, 2013.

SANTOS, S. C. S.; TERÁN, A. F. Diagnóstico do ensino de zoologia a partir da análise do complexo "escola-licenciatura" em escolas municipais de Manaus, Amazonas. Em: **I Simpósio Internacional de educação em ciências na Amazônia**, Manaus, 2011.

_____. Possibilidades do uso de analogias e metáforas no processo de ensino-aprendizagem do ensino de zoologia no 7º ano do ensino fundamental in: **7º congresso norte nordeste de ensino de ciências e matemática**, 2009, boa vista.

SILVA, R. M. L. S.; RABELO, D. S; SILVA, L. F. G; LEAL, M. V. C. **O ensino da zoologia através do teatro de fantoches**. Laboratório do Mundo: o Jovem e a Ciência. Salvador: Editora Universitária da UFBA, EDUFBA, 2007.

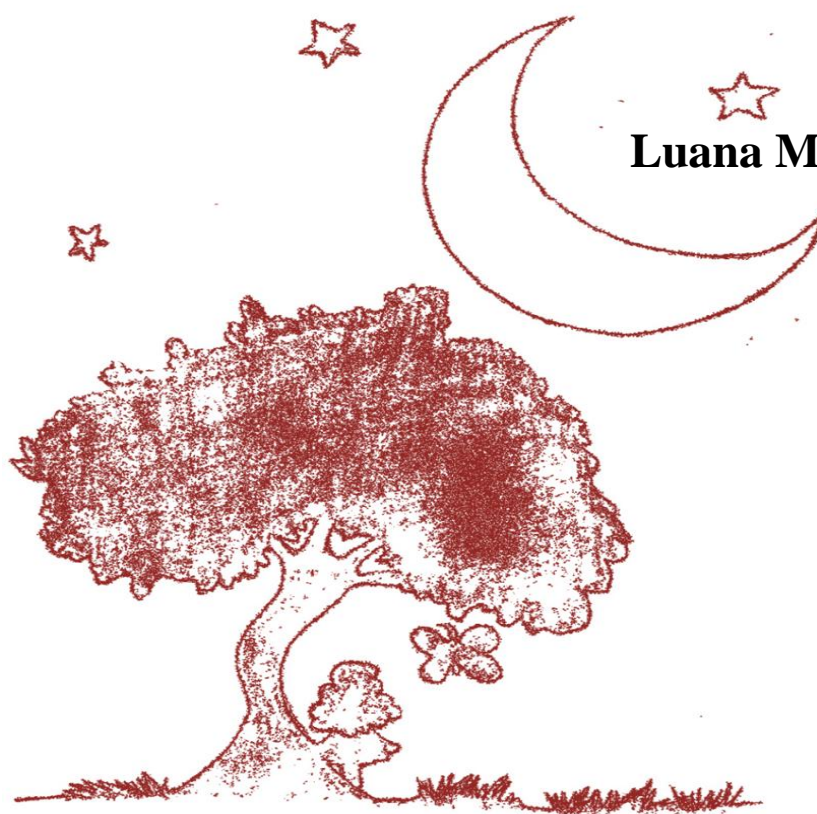
VIGOTSKI, L.S.. **A construção do pensamento e da linguagem**.4.ed. São Paulo: Martins fontes, 2008. 190p.

_____. **Psicologia Pedagógica**. . 3.ed.São Paulo: Martins Fontes, 2010. 552p

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 182 p



CALIANDRA UM SONHO DE CERRADO: CONHECENDO OS MAMÍFEROS E OS ANFÍBIOS



Luana Maria Oliveira

Ilustração: Bruno Felinto Neto
Orientadora: Prof^ª. Doutora Elisabeth Maria Mamede
Co-orinetadora: Prof^ª. Mestre Amanda Marina Andrade Medeiros

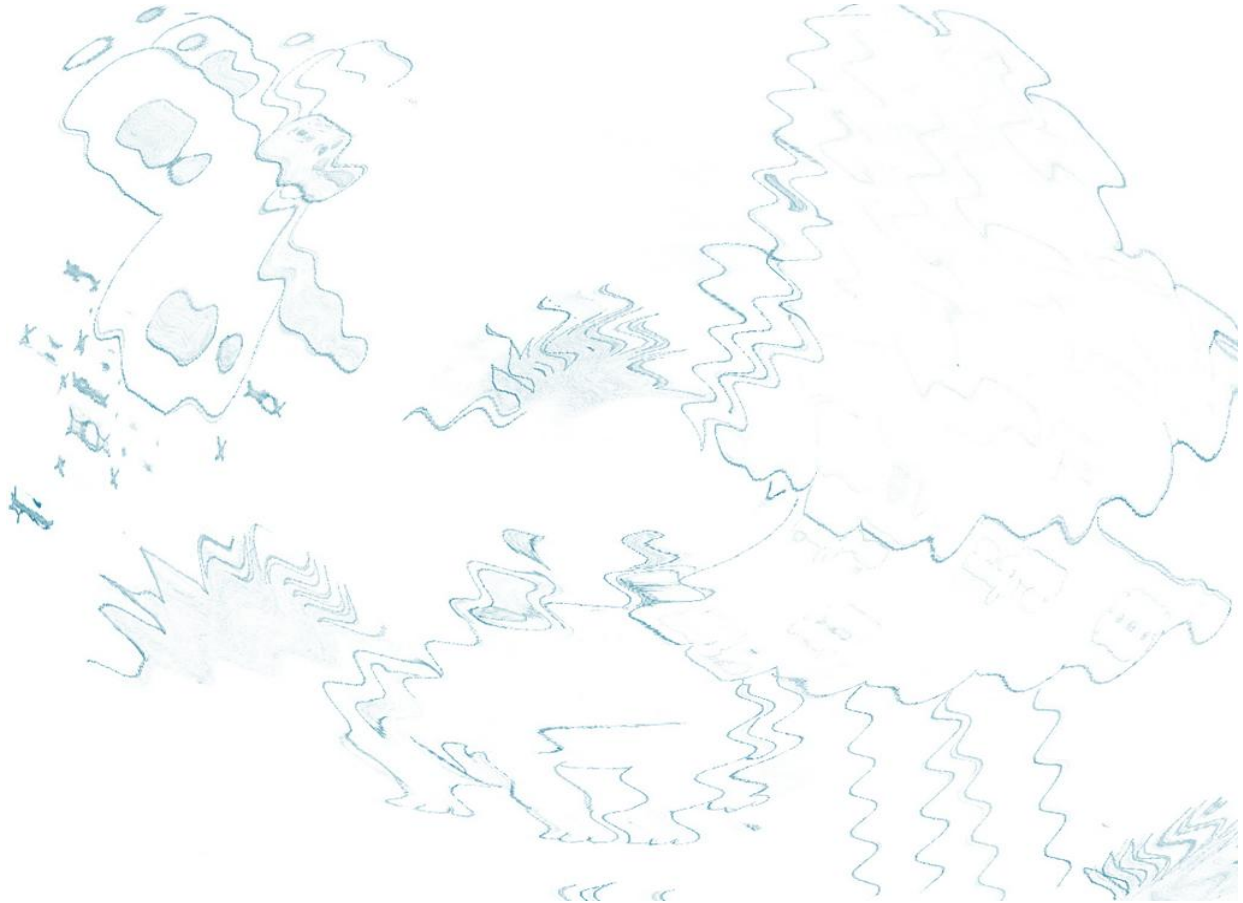
Recomendações para os professores utilizarem a história

Esta história destina-se a introdução do conteúdo de Zoologia, especificamente Mamíferos e Anfíbios.

A mesma pode ser utilizada para que os alunos tenham o primeiro contato com o conteúdo, para tanto recomenda-se que a história não seja simplesmente lida pelos alunos, mas que os mesmos possam contá-la de formas diferentes, como por meio de teatros ou todos contado junto ao professor. Recomenda-se também que o ambiente seja modificado para que os alunos possam exercitar sua imaginação.

A história trás outro conceito que também pode ser abordado em sala de aula a metamorfose da borboleta.

Bom passeio pelo mundo fantástico de Caliandra!



“ Ao olhar a janela viu que uma bela borboleta acabara de entrar e pousar em sua cama, quando ela olhou ao seu lado, estava uma linda flor que parecia até um pompom de

colocar na cabeça, era de cor vermelha, Caliandra então sorriu e disse: - Bom dia chará, bom dia borboleta.”



Era uma vez uma menina chamada Caliandra, ela era muito esperta e sonhadora, não era como suas amiguinhas que ao dormir sonhavam com príncipes encantados e princesas. Caliandra morava em Planaltina-DF e embora estivesse inserida no bioma Cerrado nunca tinha visitado-o, pois sua mãe era muito brava e não deixava ela sair de casa. A menina aproveitava para visitar o Cerrado nos sonhos e enquanto dormia, sonhava com grandes descobertas e aventuras no bioma, ao qual não tinha ainda conhecido profundamente como nos sonhos.

Certo dia, Caliandra dormiu bem cedo e teve um sonho muito real. No sonho ela encontrava uma grande amiga, mas não era uma menina como ela, era uma borboleta.

- Olá menininha, tudo bem com você? - perguntou a borboleta

- Sim.

- Como é seu nome florzinha?

- Caliandra.

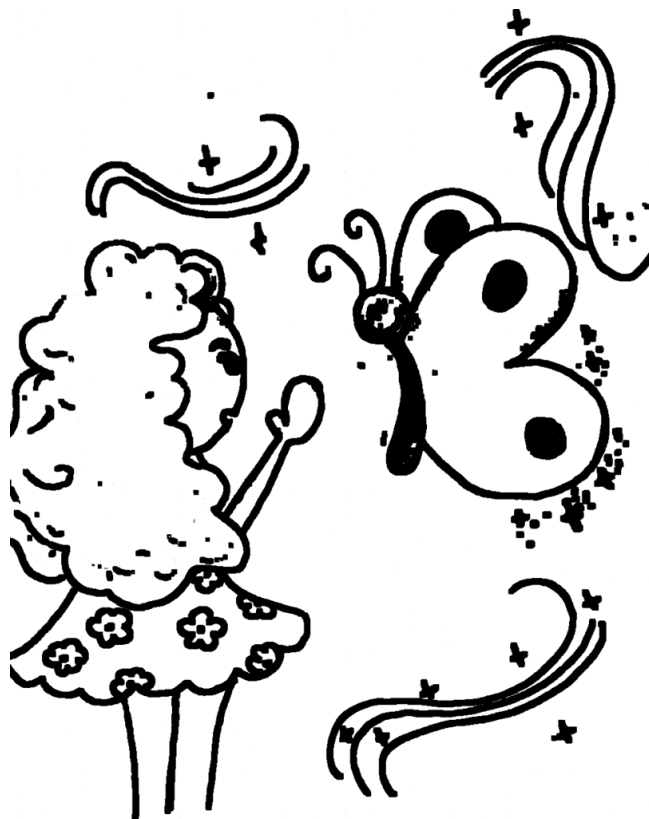
- Nossa que belo nome, o mesmo nome de uma flor bem conhecida do Cerrado sabia?

- Não, como ela é?

- Muito graciosa de cores que vão desde o branco até o vermelho, florescem na primavera e no verão.

- Nossa, que máximo!

- Mas me diga, você está perdida? - perguntou borboleta
- Eu perdida? Não! Na verdade eu estou onde sempre quis está - respondeu Caliandra.



- Onde sempre quis está? Mas geralmente as pessoas não costumam vir aqui, pois pensam que o Cerrado é muito perigoso e feio - falou a espantada borboleta.
- Pois eu não acho perigoso e muito menos feio. A beleza do Cerrado me encanta! Eu sempre quis conhecer os animais daqui, saber como são, vê-los de perto, será que você me ajudaria e me guiaria nessa aventura?
- Há há há, você só pode estar brincando, eu sou muito frágil, não posso ficar andando por aí como se fosse um lobo guará que se acha o rei do Cerrado- respondeu com sarcasmo a borboleta. Toda animada, Caliandra disse:
- Primeiro dona borboleta a senhora não anda, voa, segundo, o lobo não é o rei do Cerrado. Não exagere! Ele é só um mamífero, um pouco feroz, mas é um mamífero assim como eu. A borboleta desdenhou de Caliandra:
- Um mamífero? Assim como você? E eu sou a dona carochinha né?!
- Caliandra, então, pensou consigo mesma, até que enfim vou ver um lobo então ela respondeu a borboleta:
- Sim, um mamífero igual a mim, quer ver só? Me leva em um lugar onde tenha um lobo e eu te mostro exatamente como ele é um mamífero.
- A borboleta ficou meio desconfiada, mas aceitou.
- Está bem se você quer ir até lá, vamos! É só me seguir, mas antes devo avisar que o caminho é bem longo e perigoso.



- Sei que não é tão perigoso assim, é só acharmos um pé de lobeira pois os lobos adoram comer esse fruto e ficarmos esperando a noite que ele vai aparecer, vamos.

- Não sei para que quer minha companhia se você já sabe o caminho.

- Não seja resmungona, eu gostei de você e pronto.

As duas então seguiram em uma jornada pelo Cerrado. Em certo momento do caminho a borboleta viu uma lobeira e disse a Caliandra.

-Vamos ficar aqui. Daqui a pouco ele vai aparecer.

As duas então sentaram-se embaixo do pé de lobeira e ficaram esperando.

- Caliandra, Caliandra olha lá, olha lá, lá vem um.

- Nossa! Ele é lindo! Olha só o pêlo meio avermelhado- falou admirada a menina.

- Tá bom, agora me diga logo porque ele é um mamífero como você? Diga antes que chegue o bando todo- falou a borboleta expressando um pouco de medo.

Caliandra respondeu com uma voz doce.

-Calma! Ele não anda em bando é meio solitário.

A borboleta então disse rapidamente:

-Não mude de assunto, diga logo porque ele é um mamífero?

-Ah sim, vamos começar por partes, os mamíferos são animais que possuem glândulas mamárias, tem pêlos, repare bem que o lobo é bem peludo.



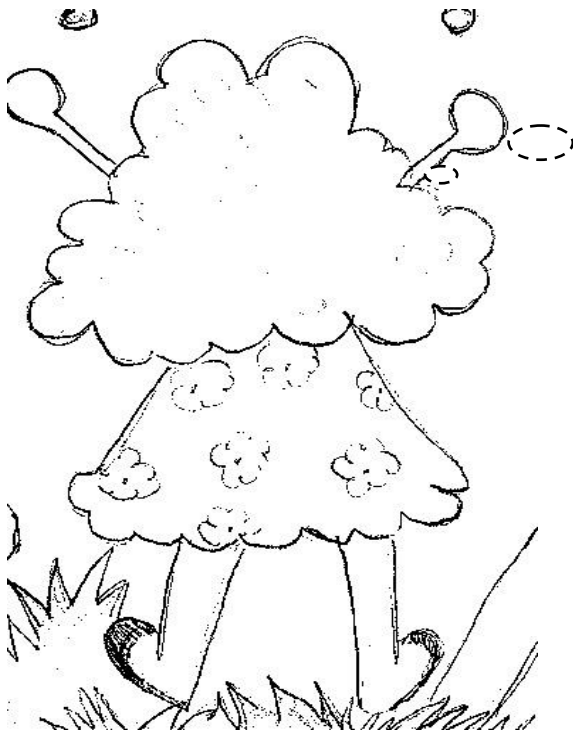
- Então quer dizer que lobo tem glândulas mamárias? Mas eu nunca o vi amamentar?
- Sim ele possui, porém ele não produz leite, apenas a loba produz, mas todos os mamíferos tem essa glândula.
- Nossa, ainda bem que não sou mamífero!
- Os mamíferos também possuem diafragma que é super importante no processo de respiração. A maioria apresenta placenta e todos possuem sete vértebras cervicais.
- E essas tais sete vértebras, quê isso? São os ossinhos que você tem?
- É podemos dizer que sim, mas esses ossinhos ficam no nosso pescoço, sabia que um lobo tem no pescoço dele a mesma quantidade de vértebras que o meu pescoço? E um rato também?!
- Caramba, Caliandra, mas então porque o seu pescoço não é do tamanho do dele?
- É porque somos de tamanhos diferentes.
- Entendi, eita Caliandra, cuidado se esconde- gritou assustada a borboleta. Caliandra então correu para se esconder atrás do pé de cagaita.
- Que foi? O lobo tá vindo?
- Quando olhou para o lado, tinha um sapo enorme, ela gritou bem alto.
- Aaaaaaaaaa socorro.
- Foi então que ouviu.



- Nossa, pare de histeria, vai pedir socorro para quem, para o lobo? Sou um reles anfíbio, não vou te fazer mal- responde o sapo ranzinza.
- ANFÍBIO? Pra mim você é um sapo- respondeu Caliandra.
- Jura que sou um sapo?! Eu não sabia! Claro que sou, mas os sapos são o quê?
- Sapo ora que pergunta- respondeu Caliandra.
- Anfíbios, ora que resposta!
- Eu nem sei o que é isso.
- O sapo então se esforçou em explicar
 - nós, anfíbios, somos animais de pele lisa, sem escamas e nem pêlos, somos divididos em três ordens, ou seja, em três grupos. Os Apodes
- Hein? Quem são esses?
- Os que não possuem pernas, um exemplo é a cobra cega. Já ouviu falar?
- Ah sim, já ouvi falar mas nunca vi.
 - É claro ela vive embaixo da terra, mais profunda do que a minhoca. Depois temos os urodelos.
- Nossa, está só piorando! Quem são esses tais de urdelos?
 - URODELOS ENTENDEU, estes são os anfíbios com caudas, de exemplos temos as salamandras.
- Nossa! Não tem um daqui do Cerrado não?!
- Tem o meu grupo que são os anuros.
- Anuros? Por que anuros? - perguntou toda empolgada Caliandra.



- São os que não possuem calda. Exemplo, euzinho lindo e maravilhoso!
 - E modesto, não podemos esquecer.
- Foi então que Caliandra lembrou-se de algo.
- Nossa, nesse papo todo, eu me esqueci da borboleta.
- Então, Caliandra começou a gritar:
- Borboleta, borboleta, onde você está.
- Foi então que ela ouviu.
- Xiiiiii, silêncio vai acordar minha irmã. Falou bem baixinho a borboleta.
 - Irmã? Mas é uma lagarta, não é sua irmã não. Disse Caliandra bem baixinho.
 - É sim, é porque a gente sofre metamorfose. Primeiro tem o ovo, depois vira uma lagarta, depois vira uma pupa.
 - Pupa é aquele negocinho que parece um saquinho que fica preso nos galhos das árvores?
 - Sim Caliandra, são esses mesmo.
 - Nossa, mas como ela come! Parece uma máquina de comer.
 - Porque nessa fase de lagarta ela come para armazenar a comida, pois quando tiver seu período dentro da pupa, ela não vai poder comer entende.
 - Nossa como é incrível isso.
 - Então, depois de pupa ela vira uma borboleta como eu.
 - Nossa, que legal! Então quer dizer que eu ainda vou crescer e ser uma mulher bem bonitona, porque até a lagarta vira uma linda borboleta né? - falou Caliandra toda animada.



Nossa eu vi o lobo, vi o sapo, ele me contou tudo sobre os anfíbios. Conheci uma borboleta linda....

- Isso mesmo e quando você crescer não se esquece da gente?!
 - falando em esquecer, eu tenho que ir, preciso contar a todos os meus amigos tudo que aprendi hoje.
 - Mas já?! Você ainda nem conheceu a onça pintada e a flor Caliandra que leva o seu nome- falou o a borboleta
 - ah deixa ela ir logo, quem perde é ela- retrucou o sapo ranzinza
 - Eu tenho mesmo que ir, já está quase amanhecendo, tenho que ir para a escola, tchau foi um prazer conhecer vocês, meus novos amigos. Adeus.....quer dizer até breve pra uma próxima aventura e eu vou conhecer a Caliandra.
 - mais breve do que você imagina- respondeu a borboleta em voz baixa
 - Já vai tarde- respondeu o sapo.
 - Então, Caliandra acordou e ao olhar a janela viu que uma bela borboleta acabara de entrar e pousar em sua cama, quando ela olhou ao seu lado, estava uma linda flor que parecia até um pompom de colocar na cabeça, era de cor vermelha, Caliandra então sorriu e disse:
 - Bom dia chará, bom dia borboleta.
- Em seguida, levantou e aprontou-se rápido para ir a escola.
- Ao chegar ao colégio, começou a contar a todos os seus amigos o que tinha acontecido, todos ficaram contagiados pelas estórias de Caliandra e trataram logo de dizer:
- Hoje, quando eu chegar em casa, quero logo dormir para viver uma grande aventura ao lado da Caliandra.

Deste dia em diante, todas as noites, Caliandra e seus amiguinhos se encontravam nos sonhos para viverem grandes aventuras ao lado do sapo ranzinza ao qual caliandra deu o nome de Zeca e da borboleta que passou a chama-se Linda.

Calianda passou a conhecer o Cerrado e os animais, mais do que qualquer pesquisador, pois ela vivenciava experiências fantásticas com seus amigos, e o Cerrado passou a ser o local encantado dos sonhos de Caliandra, um lugar cheio de aventuras.

Até a próxima, para
conhecermos a onça
pintada, não perca
essa aventura.



FIM!

Anexo 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “ZOOLOGIA DO IMAGINÁRIO: INSERÇÃO DE HISTÓRIA INFANTIL PARA O ENSINO DE MAMÍFEROS E ANFÍBIOS”. A pesquisa propõe a criação de uma história para introduzir o conteúdo de mamíferos e anfíbios nas aulas de ciências naturais, por acreditar que a utilização da mesma proporcione ricos processos de mediação e dão suporte para os alunos alcançarem uma aprendizagem mais significativa. Para tanto será realizada uma intervenção da pesquisadora no ambiente escolar, serão feitas observações e gravações para análise dos dados. Esclarecemos que o sigilo é garantido bem como o direito de o participante e seus responsáveis interromperem sua participação na pesquisa a qualquer momento. Esclarecemos, ainda, que a participação nessa pesquisa deve ser voluntária. A presente pesquisa será realizada por Luana Maria Oliveira, estudante universitária da Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília. Caso seja necessário o contato com a mesma deverá ser efetuado pelo seguinte telefone em horário comercial: 61-93363240, a pesquisa é orientada por Elizabeth Maria Mamede da Costa e Amanda Marina Medeiros Andrade.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações do projeto, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine o consentimento de participação do aluno, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

CONSENTIMENTO DO/A PARTICIPANTE OU RESPONSÁVEL

Eu _____ declaro que fui esclarecida/o quanto aos objetivos e procedimentos do estudo pela pesquisadora e seus orientadores e **CONSINTO** a participação de _____ nesta pesquisa, a realização das gravações (se necessárias) das entrevistas para fins de estudo, publicação em revistas científicas e/ou formação de professores.
Planaltina/DF, _____ de _____ de 2013.